

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
UMA VIAGEM PELO CINEMA DA ESLOVÉNIA
9 de Outubro de 2021

SPLAV MEDUSE / 1980
(“A Jangada de Medusa”)

Um filme de Karpo Godina

Realização: Karpo Godina / Argumento: Branko Vucicevic / Direcção de Fotografia: Karpo Godina / Cenários: Ranko Mascarell, Biljana Mijuskovic, Milan Todorovic / Guarda-Roupa: Jasminka Jesic e Gordana Rothstein / Música: Mladen Vranesevic e Predrag Vranesevic / Som: Ivan Zakic / Montagem: Karpo Godina / Interpretação: Olga Kacjan (Kristina Polic), Vladislava Milosavljevic (Ljiljana), Boris Komnenic (Misic), Erol Kadic (Borivoje Lazarevic), Frano Lasic (Aleksa Ristic), Milos Battelino (Div Znidarsic), Radmila Zivkovic (Nadezda), Gisela Siebauer (Hannah Kluge), Petar Kralj, Mitja Sipec, etc.

Produção: Viba Film – TV Beograd / Produtor: Zoran Milatovic / Cópia: 35mm, cor, falada em esloveno com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / Duração: 97 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Karpo Godina, também mencionado por um nome composto e mais completo (Karpo Acimovic-Godina), é um realizador “internacional” dentro da pequena “comunidade de nações” que formava a antiga Jugoslávia. Nasceu (em 1943), em Skopje, capital da que é hoje a Macedónia do Norte, numa família de intelectuais – o pai, Viktor, é descrito como “fotógrafo, jornalista, revolucionário e boémio”, e a mãe, Milena, como “atriz e co-fundadora do teatro estatal da Macedónia”, descrições que sugerem que Godina terá nascido no meio da “aristocracia cultural” macedónia. Mudou-se na adolescência para Maribor na Eslovénia, onde estudou (e depois, leccionou) cinema, e onde se iniciou na sua prática, realizando múltiplos filmes em super 8. O arranque profissional, como director de fotografia (actividade por que Godina é sobretudo conhecido, sendo o seu currículo como realizador de longas metragens relativamente escasso: apenas três, de que **Splav Meduse** é a primeira), deu-se na Sérvia, em colaboração com um realizador sérvio que os espectadores da Cinemateca têm obrigação de conhecer, Zelimir Zilnik (há alguns anos esteve nestas salas para acompanhar uma retrospectiva da sua obra, em colaboração com o DocLisboa). De notar ainda que o filme que vamos ver, **Splav Meduse**, é uma coprodução entre uma firma eslovena (a Viba Film, “herdeira” da Triglav Film que produziu os filmes iniciais do cinema esloveno, como os de France Stiglic) e uma entidade descrita como TV Beograd, que presumimos ser uma estação de televisão de Belgrado e, portanto, sérvia.

O mais curioso de **Splav Meduse** tem muito a ver com isso, com a forma como ele nos parece, de entre os títulos vistos neste ciclo, porventura o menos especificamente esloveno, e o mais interessado em abordar uma ideia de história e cultura “pan-jugoslavas”. Razão, também, por que ele nos pareça instalar-se numa espécie de elo entre a chamada “black wave”, a “onda negra” do cinema jugoslavo dos anos 60 e 70 (em cujo núcleo, de resto, Godina esteve presente), e o cinema de alguém como Emir Kusturica, com os seus carnavais alegórico-trágicos.

E **Splav Meduse** é bastante “carnavalesco”, quanto mais não seja porque no seu centro está uma trupe de artistas semi-sinceros e semi-charlatães que passeia as suas “performances” por várias aldeias da província – e esses “números”, que estão algures entre o espectáculo de “avant garde” e a diversão de feira, ocupam partes importantes do filme de Godina. Situado nos anos 1920, naquele

período entre o final da I Guerra e o desenho de novas nuvens negras no horizonte europeu, **Splav Meduse** filma uma espécie de eco jugoslavo dos “loucos anos 20”, salvaguardadas as devidas distâncias. Mas as “devidas distâncias” são objectivas, a Jugoslávia – ela própria, oficialmente reconhecida em 1922, era uma “novidade”, um país gerado pela “modernidade” - estava numa posição periférica face ao coração da Europa, e face a Paris, por exemplo, cujas “novidades” são mais do que uma vez evocadas no filme e que faz figura de “centro do mundo”, pelo menos do mundo que as personagens de Godina desejam habitar.

E, de alguma forma, ou de várias formas, isto faz o essencial do filme: um olhar, um pouco irónico mas sempre com um sentido trágico (o final do filme, que equivale a um “fim do sonho”), sobre um desejo fortíssimo de “modernidade” (artística, cultural, tecnológica, mas também social ou sexual – de tudo isto há ecos no filme) vivido na “periferia” (a província rural) da “periferia” (a Jugoslávia). A sua nostalgia é, provavelmente, por um mundo que nunca existiu, mas que pôde ser sonhado. Pelo menos, por estas personagens, saltimbancos com a mania das grandezas, tão à vontade num ambiente de feira como a comentar as últimas ideias de Tristan Tzvara. Daí que este filme, tão cheio de picos de euforia, tão cheio de “espectáculo”, nos pareça sempre caminhar para um lamento, para um requiem – pela Jugoslávia, filmada aqui na sua infância como nação.

Luís Miguel Oliveira